

TEATRO
DE 13 A 16 DEZEMBRO 2017

Elizabeth Costello

A partir do romance de J.M. Coetzee
Encenação de Cristina Carvalhal

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Texto J.M. Coetzee **Dramaturgia** Alexandre Andrade com Cristina Carvalhal **Direção artística e encenação** Cristina Carvalhal **Interpretação** Bernardo Almeida, Cucha Carvalheiro, Luís Gaspar, Rita Calçada Bastos e Sílvia Filipe **Cenários e figurinos** Ana Limpinho **Desenho de luz** José Álvaro Correia **Desenho de som** Sérgio Delgado **Produção** Bruno Reis **Assessoria de imprensa** Rita Tomás **Coprodução** Causas Comuns, Culturgest e Teatro Nacional São João **Apoios** Centro Hospitalar de Lisboa Central, EPE; Rui Fernandes/Acordarte – Academia de Música de Lisboa **Agradecimentos** Ana Maria Vieira de Almeida, David dos Santos, David Felismino, João Lagarto, Leya, Manuela Couto, Pedro Filipe Marques, Sara Carinhas, Teatro do Eléctrico, Teresa Amaral

Projeto apoiado pela República Portuguesa – Cultura/Direção-Geral das Artes

De qua 13 a sáb 16 de dezembro
19h · Pequeno Auditório · Duração: 1h40 · M12

Elizabeth Costello está diante da porta. Passar para o outro lado parece ser o único objetivo que lhe resta, embora não saiba o que a espera do outro lado. Pedem-lhe que descreva as suas crenças, mas Elizabeth, escritora mundialmente famosa que nunca se coíbe de falar sobre as suas convicções nas numerosas conferências em que participa, mostra-se incapaz de redigir uma declaração sobre aquilo em que acredita. O amor, a beleza, a decência, o sagrado, a racionalidade, são conceitos que poderiam ser mananciais de crenças, mas que, diante da porta e do guarda que a vigia incessantemente, não são mais do que veículos para as vozes e os argumentos das pessoas que povoaram a sua vida, já tão longa. Talvez o único recurso ao alcance de Elizabeth para convencer o tribunal, que decidirá da sorte desta mulher fatigada que se chama a si própria “Secretária do invisível”, seja a evocação das vozes débeis dos animais e a recordação da chuva da sua infância.

Elizabeth Costello é uma adaptação para o palco do romance homónimo do autor sul-africano e australiano J.M. Coetzee, publicado pela primeira vez em 2003.

Alexandre Andrade

Uma das ideias que nos entusiasmos desde o início, e que nos levou a querer fazer este espetáculo, foi a oportunidade que o romance nos oferece de falar de nós, atores, artistas, enquanto expõe as inquietações de uma escritora, que mais

não é do que um alter-ego do autor. Um alter-ego feminino, não o habitual protagonista, não o tradicional protagonista, não o histórico protagonista, mas uma mulher em luta com as suas convicções, ou pelo menos com algumas grandes perguntas.

Outra ideia que está presente no romance, e que nos seduziu, foi o debruçar-se sobre o significado da palavra humanidade. Uma espécie de elogio da fragilidade, ou da sensibilidade, contra o primado da razão (personificado na mulher velha que enfrenta o “juízo final”), face à crueldade e à barbárie humana, nas suas mais subtis e insidiosas manifestações.

E outra ideia ainda, presente no início do livro, e que mina qualquer tentativa de tentar encontrar um único fio condutor nestas reflexões, quando Coetzee afirma:

Tempos houve em que sabíamos. Acreditávamos que, quando o texto dizia Em cima da mesa, havia um copo de água, havia, efetivamente, uma mesa com um copo de água lá em cima e bastava-nos olhar para o espelho das palavras do texto para os vermos. Mas tudo isso acabou. Parece que o espelho das palavras se partiu, irremediavelmente.

(...) As palavras da página já não se impõem nem podem ser encaradas como tal, cada uma proclamando: o meu significado é exatamente este! O dicionário que costumava estar ao lado da Bíblia e das obras de Shakespeare, em cima do fogão de sala, onde se costumava guardar os deuses nas casas romanas, não passa agora de mais um código entre tantos outros.

E por fim, uma urgência, uma questão, uma paixão e um agradecimento.

A urgência: Talvez a espécie humana seja mesmo a maior praga que desde sempre assolou o planeta o que, não sendo uma ideia nova, não tem produzido grandes efeitos práticos no sentido de neutralizar as consequências nefastas que daí resultam.

A questão: Como é que se discutem ideias em cena.

A paixão, ou crença do momento, que é também uma parte da resposta à questão anterior: o tempo lento.

Obrigada, Manuela Couto, por me teres mostrado o livro.

Cristina Carvalho



© Estelle Valente

Alexandre Andrade

Nasceu em 1971, em Lisboa. É professor na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Publicou as ficções *Benoni* (1997), *Aqui Vem o Sol* (2005), *O Leão de Belfort* (2016) e *Descrição Guerreira e Amorosa da Cidade de Lisboa* (2017), e as recolhas de contos *As Não-Metamorfofos* (2004), *Cinco Contos Sobre Fracasso e Sucesso* (2005) e *Quartos Alugados* (2015). Colaborou em diversas revistas e antologias e escreveu para os PANOS 2007 da Culturgest a peça *Copo Meio Vazio*. É autor do blog *umblogsobrekleist* (umblogsobrekleist.blogspot.pt) e co-autor do blog *Cinéfilo Preguiçoso* (cinefilopreguicoso.blogspot.pt).

Ana Limpinho

Fez o curso de Realização Plástica do Espetáculo pela ESTC. Tem desenvolvido atividade como cenógrafa e figurinista na área do teatro, colaborando com diversas companhias e encenadores. Trabalhou pontualmente nas áreas da dança, televisão e design expositivo.

Bernardo de Almeida

Ator, licenciado na ESTC. Foi bolseiro GDA em Berlim e bolseiro INOV-ART em Nova York, onde colaborou com os New York City Players, Elevator Repair Service e The Wooster Group. Integrou a École des Maitres com direção de Rafael Spregelburd. Em teatro trabalhou com Rogério de Carvalho, Joaquim Benite, Jorge Silva Melo, Martim Pedroso, Miguel Loureiro, Michel Simonot, Jorge Andrade, Nuno M. Cardoso, Cristina Carvalho, Miguel Moreira, Álvaro Correia, Francisco Salgado, Alfredo Martins, Julia Jarcho, Tiago Rodrigues, Emanuel Aragão, Ricardo Neves-Neves, Tónan Quito, Tiago Cadete e Raquel André. Gosta, por exemplo, do sentido de humor do Todd Solondz.

Bruno Reis

Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito de Lisboa, concluiu o Curso de Gestão e Produção de Artes do Espetáculo e fez formação em gestão e contabilidade financeira. Foi produtor executivo de diversos Festivais (FIMFA, Lugar à Dança, Alkantara). Colaborou

com criadores como André e. Teodósio, Rui Catalão ou André Murraças. Com Martim Pedroso, fez a coordenação de produção da Nova Companhia. Foi produtor do Teatro Maria Matos e responsável de produção do Teatro Praga. Desde outubro de 2017 é produtor do São Luiz Teatro Municipal e coordena a produção da Causas Comuns.

Cristina Carvalho

Licenciada em Teatro-Educação pela ESTC, iniciou a sua atividade em 1987. Desde então tem trabalhado como atriz em teatro mas também no cinema e na televisão. Exerce a atividade de docente pontualmente em diversas escolas superiores e profissionalizantes. Mais recentemente criou a sua própria estrutura de produção teatral (www.causascomuns.net) e tem dirigido inúmeros espetáculos, entre os quais destaca *A Orelha de Deus* de Jenny Schwartz (coprodução Culturgest e Teatro Oficina, Prémio Teatro – Melhor Espetáculo 2010, atribuído pela SPA).

Cucha Carvalheiro

Colaboradora habitual da Causas Comuns, aí encenou *Hotel dos Dois Mundos* de Éric-Emmanuel Schmitt e adaptou *Cândido ou O Optimismo* de Voltaire. Como atriz, interpretou Sófocles, Eurípedes, Tchekhov, T. Williams, Brian Friel e Lorca, entre muitos outros. Foi dirigida por Jorge Listopad, Rogério de Carvalho, João Mota, Mário Viegas, Natália Luiza, Miguel Seabra, Álvaro Correia, Carlos

Pimenta e Sandra Faleiro, entre muitos outros. Recentemente, interpretou *Encontrar o Sol* de Albee, com encenação de Ricardo Neves-Neves, e *Cândida* ou *O Pessimismo*, de sua autoria, com encenação de Fernanda Lapa. Foi fundadora do Teatro do Mundo e da Escola de Mulheres e diretora do Teatro da Trindade.

José Álvaro Correia

Designer de luz, é licenciado em produção de teatro e especialista em design de iluminação pela ESMAE. O espetáculo e o teatro em particular são o início de um percurso que o tem levado a desenhar luz para várias áreas da iluminação, como concertos, óperas, dança, museus e exposições, vídeo, instalações, espaços públicos e eventos. Desde 2000 que orienta diversos *workshops* de iluminação para espetáculos, colaborando regularmente com instituições de ensino como o Balletteatro e a ESAD das Caldas da Rainha. É coautor do *Manual Técnico para Iluminação de Espetáculos*.

Luís Gaspar

Tem o curso de formação de atores da ESTC. Frequentou *workshops* com a companhia STAN e Bruce Myers, entre outros. Estreou-se em 1997 com Jorge Silva Melo. Trabalhou com encenadores como Christine Laurent, Cucha Carvalheiro, Cristina Carvalhal, Fernanda Lapa, João Mota, Maria Emília Correia, Natália Luíza e Ricardo Neves-Neves, entre outros. Encenou *Dois Homens, Morrer e Amok*. Integrou

o elenco de vários projetos televisivos. Em cinema, participou em filmes de Jorge Silva Melo e Miguel Gomes, entre outros. Ganhou o Prémio de melhor ator de elenco em *Mulheres*.

Sérgio Delgado

Iniciou a sua atividade como compositor, músico e sonoplasta em 1996. Desde então tem trabalhado em diversas áreas artísticas, nomeadamente cinema, teatro e televisão. Mas é no teatro que o seu trabalho se destaca, tendo participado até à data em mais de 75 espetáculos. Já colaborou com encenadores como Bruno Bravo, Cristina Carvalhal, Jorge Andrade, Carlos J. Pessoa, Nuno Cardoso, Marcos Barbosa, Ricardo Neves-Neves, Miguel Seabra / Natália Luíza, Sofia Ângelo / Rui Neto / Tereza Martins, Diogo Infante e Ana Nave. Já ganhou alguns prémios por bandas sonoras que criou para teatro e cinema.

Rita Calçada Bastos

Rita Calçada Bastos concluiu a licenciatura em formação atores/encenadores em 2006 na ESTC. Em teatro tem trabalhado com vários encenadores: Carlos Avilez, Carlos Pimenta, Nuno M. Cardoso, Carla Bolito, Carlos António, Martim Pedroso, António Feio, João Brites, José Wallenstein, Álvaro Correia, Nuno Pino Custódio, Luca Apprea, entre outros e com a coreógrafa Olga Roriz. No cinema fez várias curtas-metragens, e longas como *Felicitações Madame* de Olga Roriz, *Ensaio sobre Teatro*, documentário de

Rui Simões, a curta-metragem *Mateus*, etc. Em televisão encontram-se projetos como: *Todo o Tempo do Mundo*, *O Testamento*, *Liberdade 21*, *Feitiço de Amor*, *Morangos com Açúcar*, *Belmonte* e *O Sábio*, entre outros. Começou o seu trabalho enquanto encenadora em 2007 com *Grandes Sinais*, criação de sua autoria, e em 2009 foi convidada pelo TNDM II para dirigir uma leitura encenada. Encenou *Alma*, a partir de *Summer and Smoke* de *Tennessee Williams*. Leciona desde há vários anos aulas de Interpretação na Inimpetus, ESADE, Chapatô e Escola Profissional de Cascais.

Sílvia Filipe

Licenciada em Teatro pela ESTC, tem o curso de Canto da EMCNL. Estreou-se profissionalmente e integrou o elenco do Teatro da Garagem de 1994 a 2002, trabalhando desde então com diversos encenadores. Trabalha regularmente em televisão e em 2010 ganhou o prémio SPA para melhor atriz de teatro.

Rita Tomás

Rita Tomás é assistente de comunicação do Teatro Maria Matos desde 2009, trabalhando principalmente nos campos de planeamento de meios, assessoria de imprensa e gestão de redes sociais. Licenciada em Ciências da Cultura pela Faculdade de Letras, completou uma pós-graduação em Edição de Livros e Formatos Digitais na Universidade Católica Portuguesa e foi ainda bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian para

a realização de um mestrado em Arts Administration and Cultural Policy na Goldsmiths College, em Londres. Paralelamente, lecionou cursos de comunicação na Escola Superior de Teatro e Cinema e no âmbito da Acesso Cultura. Tem ainda desempenhado funções de consultora de comunicação em projetos de artes performativas, cinema e televisão.

À nous deux maintenant

Agora nós os dois A partir de *Un Crime* de Georges Bernanos. Um espetáculo de Jonathan Capdevielle

Teatro Qui 11, sex 12 de janeiro

Grande Auditório · 20h30 · Duração: 3h · M14

© Arthur Bartlett Gillette



Conceção, adaptação e encenação Jonathan Capdevielle **Interpretação** Clémentine Baert, Arthur B. Gillette / Jennifer Hutt, Jonathan Capdevielle, Dimitri Doré, Jonathan Drillet, Michèle Gurtner **Consultor artístico / assistente de encenação** Jonathan Drillet **Conceção e realização cenográfica** Nadia Lauro **Construção da cenografia** Oficinas de Nanterre-Amandiers **Luzes** Patrick Riou **Assistido por** David Goulou **Sintetizador modular** Ray imaginado e construído por Benoît Guivarc'h **com circuitos de** Ray Wilson **Criação sonora e musical** Vanessa Court, Arthur B. Gillette, Jennifer Hutt, Manuel Poletti **Composição musical** Arthur B. Gillette **Operação de som** Vanessa Court **Colaboração informática musical** IRCAM / Manuel Poletti **Figurinos** Colombe Lauriot Prévost **Direção de cena** Jérôme Masson **Olhar exterior** Virginie Hammel **Produção, difusão, administração** Fabrik Cassiopée **Produção delegada** Association Poppydog **Coprodução** Le Quai – Angers, Nanterre-Amandiers, Festival d'Automne à Paris, CDN Orléans, manège – Reims, Théâtre Garonne – Toulouse, L'Arsec Lausanne, Le Parvis Tarbes, IRCAM **Apoio** King's Fountain **Estreia** 6 de novembro de 2017, Le Quai – Angers

Jonathan Capdevielle adapta ao teatro *Un Crime*, romance policial de Georges Bernanos. O “pároco de Mégère” é um recém-chegado que age a contrapelo da religião católica, movido por um enigmático desígnio mortífero. Perdido num policial sem saída, ensurdecido pela polifonia das personagens, o leitor deixa-se engolir pelo labirinto da sua própria investigação.

Capdevielle vai direito ao núcleo deste vulcão de estranheza e terror, na orla do fantástico, pondo em cena o jogo de máscaras desta figura de padre, turva e atraente, que vem perturbar a ordem estabelecida. Brinca com a multiplicidade dos papéis atribuídos a cada um dos atores e com uma interpretação policromática do texto, estendendo o leque de possibilidades da exaltação ao realismo, para melhor esborratar as fronteiras entre realidade, sonho e pesadelo.

Jonathan Capdevielle apresentou na Culturgest *Adishatz/Adieu* em 2016.

Conselho Diretivo**Presidente**

Paulo Moita de Macedo

AdministradoresJosé Ramalho
(Direção Executiva)Mark Deputter
(Direção Artística)**Assessores**Delfim Sardo (Artes Visuais)
Francisco Frazão (assessor
Teatro para temporada
2017-2018)Gil Mendo (assessor Dança
para temporada 2017-2018)**Serviço Educativo**Raquel Ribeiro dos Santos
João Belo
Tiago Cruz (estagiário)**Direção de Produção**

Margarida Mota

Produção e SecretariadoPatrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio**Exposições****Coordenação de Produção**

Mário Valente

ProduçãoAntónio Sequeira Lopes
Paula Tavares dos Santos
Fernando Teixeira**Culturgest Porto**

Susana Sameiro

ComunicaçãoFilipe Folhadela Moreira
Bruno Pereira**Publicações**Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado**Atividades Comerciais**Catarina Carmona
Patrícia Blázquez**Serviços Administrativos
e Financeiros**Cristina Ribeiro
Paulo Silva
Teresa Figueiredo**Direção Técnica**

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de**Direção Cenotécnica**
José Manuel Rodrigues**Audiovisuais**Américo Firmino (coord.)
Ricardo Guerreiro
Suse Fernandes**Iluminação de Cena**Fernando Ricardo (chefe)
Vitor Pinto**Maquinaria de Cena**Nuno Alves (chefe)
Artur Brandão**Técnico Auxiliar**

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

BilheteiraManuela Fialho
Edgar Andrade
Clara Troni**Receção**

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

**Coleção da Caixa Geral
de Depósitos**Isabel Corte-Real
Miguel Caissotti
Lúcia Marques
Maria Manuel Conceição
Jennifer do Coito (estagiária)
Carolina Machado
(estagiária)Edifício Sede da Caixa Geral de
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt**Culturgest, uma casa do mundo**